

**HILARY PUTNAM: BREVES APONTAMENTOS SOBRE A SUA
JORNADA INTELECTUAL ATÉ A FILOSOFIA PÓS-ANALÍTICA**

[HILARY PUTNAM: BRIEF NOTES ON HIS INTELLECTUAL JOURNEY
TO POSTANALYTIC PHILOSOPHY]

Daniel Branco

darturemidio-26@hotmail.com

Pós-Doutor e Doutor em Filosofia pela UFC. Mestre em Filosofia pela UFC. Diplomado em Especialização em História do Brasil pelo INTA. Licenciado em Filosofia pela UECE. Bacharel em Filosofia pela UECE. Bacharel em Teologia pela FATIN.

DOI: [10.25244/tf.v14i1.2757](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.2757)

Recebido em: 20 de setembro de 2020. Aprovado em: 21 de dezembro de 2020

Caicó, ano 14, n. 1, 2021, p. 195-205

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i1.2757](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.2757)

Dossiê Sagrado e poesia no pensamento de Heidegger - Fluxo Contínuo



Hilary Putnam: breves apontamentos sobre a sua jornada intelectual até a filosofia pós-analítica
BRANCO, Daniel

Resumo: Este artigo intenta empreender um breve estudo do desenvolvimento intelectual de Hilary Putnam. Para esse fim serão criadas três seções. A primeira seção fará um estudo do desenvolvimento do pensamento de Putnam. A segunda seção investigará possíveis influências e interseções entre Putnam e outros autores. A terceira e última seção estudará a relação de Putnam com a Filosofia Pós-Analítica. O artigo, assim, visa contribuir com os estudos sobre a filosofia contemporânea e, em especial, a filosofia de Putnam.

Palavras-Chave: Realismo. Externalismo. Linguagem. Internalismo. Pós-Analítico.

Abstract: This article intends to undertake a brief study of Hilary Putnam's intellectual development. To this end, three sections will be created. The first section will study the development of Putnam's thinking. The second section will investigate possible influences and intersections between Putnam and other authors. The third and final section will study Putnam's relationship with Post-Analytical Philosophy. Thus, the article aims to contribute to studies on contemporary philosophy and, especially, Putnam's philosophy.

Keywords: Realism. Externalism. Language. Internalism. Post-analytical.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a importância de Hilary Putnam tanto para o desenvolvimento da Filosofia Analítica como, por assim dizer, para uma superação desta escola de pensamento, o presente artigo busca fazer breves apontamentos sobre a jornada intelectual do filósofo americano até a sua Filosofia Pós-Analítica, isto é, desde o ponto de vista de um filósofo analítico até o ponto de vista de um filósofo pós-analítico. Para tanto, o artigo será dividido em três seções. A primeira seção, intitulada *A jornada intelectual putnamiana*, estudará as fases do pensamento de Putnam sucintamente. A segunda seção, intitulada *A influência de Putnam sobre autores contemporâneos*, investigará como as ideias de Putnam afetam direta ou indiretamente outros autores da nossa época. A terceira seção, intitulada *Putnam e a Filosofia Pós-Analítica*, se dedicará, por fim, à última etapa da jornada intelectual putnamiana aqui considerada, a Filosofia Pós-Analítica.

A JORNADA INTELECTUAL PUTNAMIANA

O pensamento de Hilary Putnam possui várias fases. Pontue-se aqui o movimento das ideias putnamianas que vai da 1) rejeição do realismo metafísico em favor do Realismo Interno - influenciado por Kant – 2) à volta a um tipo de realismo metafísico, usado mais no intuito de se opor a um verificacionismo que carece de bases epistêmicas para descrever a realidade do que para aceitar o próprio realismo metafísico acriticamente – é que neste momento do pensamento de Putnam ainda não está resolvido o problema da referência. Conforme Leo Peruzzo Júnior:

A tipografia filosófica de Hilary Putnam (1926-2016), embora marcada pelo antagonismo de suas posições, situa-se, por um lado, no limiar epistemológico do *realismo interno* e, por outro, no *colapso metafísico da distinção entre fato e valor* [...] Na contramão de um cientificismo positivista, o realismo interno de Putnam continua sendo uma posição metafísica [...] Por um lado, o realismo interno aceita a forte intuição realista do senso comum e, por outro, é uma convergência entre o *realismo metafísico* no qual a *realidade* é independente do sujeito e a *verdade* é um tipo de correspondência da linguagem com a realidade, e o relativismo conceitual. (JÚNIOR, 2017, s/p).

Em meio a esse movimento (do ponto 1 ao 2) há também, para além dos estudos sobre lógica e matemática, importantes insights em torno da múltipla realizabilidade, do externalismo semântico, do realismo direto e do transacionalismo.

Na década de 1960, Putnam levantou a hipótese de que a dor não estava estritamente relacionada às fibras nervosas tipo C – do Sistema Nervoso Central e do sistema nervoso periférico. Elas, a dor e as fibras nervosas tipo C, não seriam idênticas. Diferentes organismos e diferentes estados físicos do sistema nervoso central podem ter o mesmo “fenômeno” de sentir dor. Ora, os animais possuem estruturas cerebrais diferentes, mesmo assim “sentem dor”. Com isso, Putnam atacou não uma hipótese científica determinada, mas o conceito de identidade, ou melhor, a teoria

tipo-identidade, na qual os estados mentais são idênticos aos estados físicos, e aceitou ou abraçou o conceito de múltipla realizabilidade:

em 1967b [Putnam] decide-se que a verdade das alegações de identidade, como 'dor é estimulação da barra', deve ser entendida no contexto da identificação teórica [...] Putnam [...] [usa o] o argumento de que pode haver um organismo que sente dor, mas no qual a dor é percebida de maneira muito diferente da dos seres humanos [...] E, afinal, é muito provável que os cérebros de mamíferos, répteis e moluscos estejam em estados físico-químicos muito diferentes quando esses organismos estão sentido dor [...] O que está sendo negado é a alegação adicional de que a propriedade de estar sentido dor é uma propriedade físico-química (SHAGRIR apud BEN-MENACHEM, 2005, pp. 227, 231).

A frouxidão da teoria tipo-identidade e a falha em resolver os problemas em seu entorno levaram Putnam a dizer que mesmo um robô inteligente ou um ser de silício poderiam sentir dor, uma vez que a indefinição “sobre qual” estado físico (que varia de animal para animal) gera a dor abriria o caminho para o conceito de dor sem um estado neuroquímico. Ou a teoria tipo-identidade determina um “monomorfismo” entre estados físicos e mentais, e há assim correlação real, ou a teoria-identidade é falsa. Shope fala em um

certo tipo de correspondência, que é, no entanto, distinto do que é mencionado em uma “teoria” da correspondência clássica e corretamente rejeitada por Putnam [...] Expressões filosoficamente importantes podem ser ambíguas. Por exemplo, vários filósofos, incluindo Putnam, observaram que o termo "sentença" é ambíguo (SHOPE apud AUXIER, pp. 365, 379).

Veja-se o exemplo dado por Putnam do criminoso reprogramado como bom cidadão:

Se eu 'reprogramo' um criminoso (por meio de uma operação cerebral) para o tornar um bom cidadão, mas sem destruir sua capacidade de aprender, desenvolver, mudar (talvez até mesmo voltar a ser criminoso algum dia), certamente não criei um 'monstro'. Se Oscar é psicologicamente isomórfico a um ser humano, ele pode ser "reprogramado" na medida, e somente na medida, em que pode um humano pode (PUTNAM, 1979, p. 397).

Relacionada à ideia de múltipla realizabilidade está o conceito de funcionalismo. Este quer explicar, tendo como parâmetro o “funcionamento”, a partir da análise da correlação entre causa e efeito, os estados mentais. As mentes pareceriam com máquinas de Turing: “*no que diz respeito à realização múltipla de propriedades mentais, o funcionalismo é mais importante do que o materialismo clássico [...] [para Putnam] disposições comportamentais não explicam com sucesso o conceito de dor*”. (SHAGRIR apud

BEN-MENACHEM, 2005, p. 232). Na década de 1980 Putnam “descartou” o funcionalismo, ou pelo menos a sua formulação original, pois ainda continuou a desenvolver uma espécie peculiar de funcionalismo.

O modelo funcional-computacional é criticado pela exposição putnamiana do externalismo semântico – que rejeita a ideia de que o conhecimento seja medido pelo estado psicológico - que foi ilustrado no famoso experimento da “Terra Gêmea”. No meu artigo *Saul Kripke e a crítica à Teoria Descrivista dos Nomes Próprios*, assim o descrevo: “O experimento de Putnam é o seguinte: suponha-se que em algum do universo exista um planeta igual em tudo à Terra. Suponha-se também que exista nesse planeta um líquido igual ao da água, com exceção dos componentes químicos, que, ao invés de serem H₂O, são chamados de XYZ” (BRANCO, 2020, s/p). Assim, “tanto quem está na Terra como na ‘Terra Gêmea’ olham para o líquido e o chamam de água, embora um seja H₂O e o outro, XYZ. Tem-se, pois, o fato de que, do ponto de vista ‘externo’, a experiência de ambos é idêntica” (IBIDEM, 2020, s/p). Ligado ao externalismo semântico do experimento da “Terra Gêmea” está a contribuição de Putnam para a teoria causal da referência. Para sentenças com termos “naturais, como “água”, “elefante”, “leão” etc., comunidade especializadas poderiam contribuir para a determinação da referência de uma expressão específica. Por exemplos, botânicos “determinariam” a referência de “girassol”, biólogos “determinariam” a referência de “macaco” e filósofos contribuiriam para a definição da referência de “ser”. Putnam dá o seguinte exemplo:

Benjamin Franklin poderia muito bem ter dado uma descrição causal da eletricidade nos dizendo que a eletricidade obedecia a uma equação de continuidade, que se acumulava nas nuvens, e que, quando atingia uma certa concentração, parte dela fluía da nuvem para a terra, e que esse fluxo repentino de uma grande quantidade de eletricidade assumia a forma do que reconhecemos como raio (PUTNAM, 1979, pp. 176).

Isso foi visto como uma forma de holismo semântico e tem relação com a posição uma vez tomada por Putnam quanto ao realismo matemático – tanto a filosofia da matemática como a teoria da computação foram estudadas por Putnam, que legou à esta última o Algoritmo Davis-Putnam (AUXIER, 2015, p. 13) -, que rezava que toda entidade matematicamente indispensável deveria ser considerada ontologicamente. Ben-Menahem diz:

A natureza da verdade lógica e matemática tem sido uma preocupação constante para Putnam, gerando várias posições diferentes. O repúdio às alternativas-padrão, platonismo e convencionalismo, permaneceu, no entanto, uma constante [...] Putnam propôs substituir a verdade necessária com a noção mais flexível de necessidade relativa, necessidade dentro de um horizonte conceitual específico (BEN-MENACHEM, 2005, p. 14).

O experimento de pensamento Cérebro numa Cuba é um dos mais famosos experimentos contemporâneos criados dentro do debate epistemológico. Ele ganhou notoriedade entre as facetas do pensamento putnamiano. Não somente para a epistemologia, mas também para Filosofia da Mente esse experimento teve (ou tem) uma importância incontestável. O Cérebro numa Cuba reza

o seguinte: suponha-se que um cientista louco tenha criado um dispositivo que transmite impulsos elétricos para o cérebro de Daniel. Daniel então é nada mais que o cérebro preso em uma cuba recebendo as informações transmitidas pelo aparelho do cientista louco. Ele, porém, não “experimentou” o mundo (árvores, pessoas etc.). As referências das proposições do cérebro de Daniel não são “reais”, não dizem respeito ao mundo experimentado. As próprias ideias de “cuba” e de “cérebro” não são “reais”. Ora, dizer “eu sou um cérebro em uma cuba”, no caso em que Daniel que “é” um cérebro em cuba, não tem uma referência “real”, pois o cérebro só vê a “imagem”, não a “coisa”. A expressão “sou um cérebro em uma cuba”, no caso em que Daniel “não é” um cérebro em uma cuba, é ainda problemática, pois essa expressão é dita por Daniel em mundo em que “cérebro” e “cuba” são empiricamente observáveis, e ele não poderia saber o que é “ser” um cérebro em cuba (PUTNAM, 1981, pp 1-21). Esse tipo de externalismo semântico é crítico do ceticismo, pois ela reza que o conhecimento não depende apenas de questões internas da mente, mas do mundo externo. Esse experimento é uma forma contemporânea do argumento do Malin Génie, de Descartes. Markus Gabriel sugere que o Cérebro numa Cuba tem alguma influência sobre o filme Matrix (GABRIEL, 2017, s/p).

A semelhança entre o experimento do Cérebro numa Cuba e do Quarto Chinês, de John Searle, é intrigante, pois ambos lidam com epistemologia, linguagem e estados mentais. No meu artigo *Linguagem, Mente e Inteligência Artificial: um estudo sobre o pensamento de John Searle* eu assim descrevo o experimento searliano: “O Argumento do Quarto Chinês (AQC) [...] é uma hipótese na qual um homem trancado em um quarto sem saber chinês tem a seu dispor um livro na sua língua nativa onde está descrito um programa de computador para falar chinês, caixas com caracteres ou símbolos chineses e espaço para entrada e saída de inputs e de outputs” (BRANCO, 2020). Então, “Por vezes são enviados símbolos à sala. Suponha-se que esses símbolos seja perguntas. O homem, utilizando-se do material a seu dispor no quarto, consegue dar resposta às pessoas de fora da sala. Ele consulta o livro, que é um programa de computador, e envia símbolos. Para quem está fora do quarto ele está falando chinês” (IBIDEM, 2020). As duas narrativas, a do Cérebro numa Cuba e a do Quarto Chinês, questionam a ideia de que o conhecimento semântico é idêntico aos estados mentais e traçam insights próprios, mediante as alusões peculiares a cada experimento de pensamento, que visam despertar o debate acerca das diferenças entre semântica, sintaxe e psicologismo.

É curioso que em *The Science of the Mind and the Myth of the Self: The Ego Tunnel*, Thomas Metzinger, mesmo chamando Putnam de “filósofo biológico” em comparação a um suposto “filósofo pós-biótico” proposto no livro, parece sugerir uma contribuição putnamiana para a sua crítica, de Metzinger, da ideia de consciência e ego. Metzinger relata a afirmação de Putnam de que não se deveria negar direitos civis ou o status de uma pessoa a um sistema de informação hardware (METZINGER, 2009, p. 202). Mais uma vez Putnam é contado como influenciador ou, pelo menos, participe de uma crítica contemporânea ao psicologismo.

Voltando ao Cérebro numa Cuba é preciso dizer que há diferentes críticas a esse experimento, como a biológica, isto é, a que afirma que cérebros dentro de corpos - funcionando biologicamente ou em um processo sensível - e cérebros dentro de cubas não poderiam ser comparados, bem como a crítica semântica, que diz que esse experimento levaria ao absurdo da falta de qualquer noção semântica, o que invalidaria a própria noção de argumento proposto por essa experiência. Mas o argumento de Putnam, embora associado ao ceticismo, utilizando-se de um experimento “fantástico” para mostrar tanto uma certa “descontinuidade” entre o mundo propriamente semântico e o mundo propriamente intencional – e esse experimento, portanto, seria uma amostra dessa própria “descontinuidade” -, também empreende uma crítica ao ceticismo forte. Para chamar o experimento putnamiano de absurdo ou impossível, os críticos deveriam antes provar que as imagens “normais” do mundo não são aceitas apenas por adeptos de um realismo

ingênuo. Melhor dizendo, o experimento de Putnam se encontra entre uma má noção de realismo, de um lado, e uma má noção de ceticismo, de outro.

Após uma série de considerações sobre o realismo metafísico, Putnam passou a defender o realismo interno - veja-se o seu debate com Simon Blackburn (CLARK, 1994, s/p). Influenciado por Kant, o realismo interno putnamiano aceitou a existência do mundo “fora” da mente, mas postulou que a “estrutura” do mundo não é ontologicamente separada da mente. Nelson Goodman propôs uma concepção similar, porém mais radical, na qual parece relativizar a ideia de mundo exterior e superestimar a função da mente. A concepção de Putnam, entretanto, foi mais moderada. Aceitando o pragmatismo, ela quis, no entanto, evitar o relativismo no qual o sujeito anula o mundo objetivo.

Na verdade, buscando aprofundar o seu estudo do real ou aprofundar a sua noção de realismo, Putnam, juntamente com C. W. Rietdijk, desenvolveu o Argumento Rietdijk-Putnam, defendendo o tetradimensionalismo. Este argumento sustenta que, se a relatividade é real, cada indivíduo possui a sua própria velocidade e a sua própria simultaneidade e pensa que a sua perspectiva é o universo tridimensional. Diferentes mudanças modificam a perspectiva de universo tridimensional para diferentes observadores. Como esses diferentes indivíduos com simultaneidades próprias interagem entre si, deve haver uma multiplicidade de universos tridimensionais, que sugerem uma quarta dimensão do universo. Petkov diz:

Rietdijk e Putnam apresentaram um argumento poderoso demonstrando que a relatividade da simultaneidade implica um mundo quadridimensional. De fato, seu argumento foi um caso especial do argumento mais geral que parece ter levado Minkowski à ideia do espaço-tempo: “Deveríamos ter no mundo não mais espaço, mas um número infinito de espaços, analogamente como existem no espaço tridimensional um número infinito de planos. A geometria tridimensional se torna um capítulo na física quadridimensional (PETKOV, s/d, p. 4).

Mais tarde Putnam também rejeitou a noção de realismo interno, além de ter aceitado por um tempo o realismo direto, conhecido por ser ingênuo ou por negar a representação mental. Nessa fase o filósofo americano não chegou a defender um mero convencionalismo, no sentido de um relativismo forte. A crítica putnamiana ao conceito de sistema e ao verificacionismo científico, o impossibilitou de negar que alguma forma de realismo metafísico seja útil. Putnam combinou o seu pragmatismo com o transacionalismo e a crítica à Filosofia Analítica com metafilosofia ou Filosofia Pós-Analítica. No transacionalismo o meio ambiente no qual o indivíduo está inserido não deve ser separado de forma dicotômica do sujeito. Antes, ambos devem ser vistos em uma perspectiva conjunta, como que estando em uma “transação”:

Não sou mais um “disjuntivista” (eu chamo minha posição mais recente de “transacionalismo”, porque enfatiza que a experiência perceptiva é condicionada por ambas, a natureza e a história do assunto, e pelas características do ambiente atendido. Então "transacionalismo" é uma teoria? Sim. Não tenho problemas com a ideia de que não devem ser teorias em filosofia (PUTNAM apud AUXIER, 2015, p. 557).

INFLUÊNCIA DE PUTNAM SOBRE AUTORES CONTEMPORÂNEOS? POSSIBILIDADES.

Em uma primeira leitura, a não-filosofia de François Laruelle, o conceito de imprecisão de Friedrich Waismann, de Timothy Williamson, também estudado por Dominic Hyde, Roy Sorensen e Vann Macgee, a crítica à filosofia da linguagem do Segundo Wittgenstein e de Richard Rorty, os interessantes insights levantados pelo realismo especulativo de Quentin Meillassoux (ou Materialismo Especulativo), pelo materialismo transcendental de Ian Hamilton Grant e pelo niilismo transcendental de Ray Brassier parecem ter relação com a filosofia de Putnam. Mas por quê? Por que todas elas carecem de um rigor acadêmico ou metodológico encontrado na Filosofia Analítica de até então, porque há nelas mais espaço para especulações e conjecturas e porque todas mostram-se como uma tendência contemporânea. E essa tendência atual que coincide com a fase final da filosofia putnamiana. Sobre a nova fase de Putnam Richard Rorty diz:

Putnam, nos últimos anos, ficou convencido de que algo como o realismo perceptivo direto é a chave para evitar as armadilhas nas quais ele me vê como tendo caído [...] sua ênfase no Ordinário e na necessidade de evitar a apresentação de teses em filosofia - me parece um retrocesso infeliz às tentativas pré-hegelianas de encontrar algo histórico a que os filósofos podem jurar lealdade (RORTY apud BRANDOM, 2000, p. 90).

A mesma impressão pode ser percebida nas teses não dicotômicas de Graham Harman. Faz-se importante o estudo da Ontologia Orientada aos Objetos (OOO), de Harman – outro nome associado a Harman é o de Levi Bryant, que defende a Onticologia. A OOO de Harman, de certo modo influenciado por Bruno Latour, rejeita o antropocentrismo kantiano, a visão ingênua da correlação, a ideia da linguagem como a “entidade” sob a qual os objetos existem, do construtivismo social, o conceito metafísico tradicional de substância que “fundamenta” o objeto-fenômeno, a tentativa de conhecimento exaustivo do objeto e da sua relação com outros objetos - que não leva em conta a ideia finitude e de limitação – e a restrição do objeto às qualidades percebidas em uma locação espaço-temporal, como se houvesse uma relação exaustiva e esgotadora entre o humano e o objeto. Para isso são caros os conceitos de presença-à-mão e de “afastamento”, designando, respectivamente, essa “independência” do objeto e a retenção ou “não-exaustão” do objeto na relação (HARMAN, 2011, s/p).

Heidegger também é um nome importante para as teses de Harman. Outro nome importante é Edmund Husserl. Em *The Quadruple Object* distingue as seguintes relações entre objeto e qualidade: Objeto Real/Qualidade Real, Objeto Sensual/Qualidade Sensual, Objeto Real/Qualidade Sensual, Objeto Sensual/Qualidade Real (IBIDEM, 2011, s/p). A noção de intenção é usada por Harman para tentar explicar a causação entre objetos. Ele enumera cinco relações entre objetos: 1) contenção, “*onde a intenção como um todo contém ambos, o eu real e a árvore sensual*” (IBIDEM, 2007, p.199), 2) Contiguidade, na qual em uma intenção vários objetos permanecem lado a lado, sem afetarem um ao outro, apenas se misturando às vezes, 3) Sinceridade, que designa a “minha” sincera absorção na árvore sem “reciprocidade” nem mera contiguidade, 4) Conexão, onde se tem que “*um objeto real nasce da conexão de outros objetos reais, através de meios vicários desconhecidos*” (IBIDEM,

Hilary Putnam: breves apontamentos sobre a sua jornada intelectual até a filosofia pós-analítica
BRANCO, Daniel

2007, p. 200). 5) Não Relação, que é o estado usual das coisas, uma vez que os objetos reais são incapazes de ter contato direto.

Explicado a OOO de Harman, bem como a sua ideia de Objeto Quádruplo, agora compare-os com a ideia putnamiana de transacionalismo, que “*ênfatiza que a experiência perceptiva é condicionada por ambas, a natureza e a história do assunto, e pelas características do ambiente atendido*” (PUTNAM apud AUXIER, 2015, p. 557). Certa convergência de ideias não pode ser aí encontrada? Pode-se dizer que sim. Ora, ambos estão negando a dicotomia entre sujeito e ambiente. Mais do que isso, ambos propõem que o ambiente-natureza e o sujeito sejam estudados em conjunto. No estudo da realidade, na investigação epistemológica, Putnam e Harman apresentam teses não dualistas. Para eles, entre o “eu” que conhece, ou o sujeito, e o objeto a ser conhecido, ou o ambiente, não existe uma “separação”.

Passando, finalmente, para uma influência concretamente documentada, Chomsky cita a importância de Putnam para o estudo da competência linguística (CHOMSKY, 2006, p. 70). Tem-se ainda Maurizio Ferraris, que no seu livro *New Realism Manifesto* cita a contribuição de Putnam para a sua proposta de Novo Realismo: “*‘novo realismo’ é, portanto, o nome comum de uma transformação que atingiu cultura filosófica contemporânea e que foi desenvolvida em muitas direções. Primeiro de tudo, o fim da virada linguística [...] Pense na passagem de Hilary Putnam do ‘realismo interno’ para o ‘realismo do senso comum’*” (FERRARIS, 2014, p. 18). Note-se que Ferraris associa Putnam à transformação pela qual passou (ou ainda passa) a filosofia contemporânea. Transformação essa que não é obra de um só autor.

A existência de certa simetria entre a filosofia de Putnam e a filosofia dos outros autores acima apresentados mostra-se não somente possível, mas também provável até certo ponto. Putnam é elencado como um promissor ou um dos promissores de uma nova tendência da filosofia contemporânea, que é mais despreziosa, pouco sistemática, mais conjectural, e, ao mesmo tempo, mais vinculada ao ordinário e apta ao diálogo com o senso comum. O final da filosofia da Putnam gira em torno justamente dessas ideias.

PUTNAM E A FILOSOFIA PÓS-ANALÍTICA

Embora todas essas teses apresentadas na segunda seção critiquem, assim como fez Putnam, em maior ou em menor escala, a Filosofia Analítica - e aqui, portanto, elas fazem com ele um coro por uma filosofia que se supere os postulados dos filósofos analíticos-, há uma importante diferença entre o caminho putnamiano e os caminhos destes outros pensadores. A Filosofia Pós-Analítica de Putnam parece ser mais uma crítica à Filosofia Analítica do que uma alternativa teórica a ela. Para chegar à Filosofia Pós-Analítica, Putnam fez uma crítica da metafísica, da semântica, da mente, do realismo, da empiria, etc. Entretanto, ele não desenvolveu, por assim dizer, uma novo método, um novo “sistema”. Essa Filosofia Pós-Analítica é como um espaço aberto a ser preenchido no futuro. Ele não tem uma tese como têm Laruelle, Harman, Meillassoux, Grant, Brassier, etc. – se é que se pode afirmar que esses autores têm uma tese “clara”. Os muitos estágios do pensamento de Putnam são exemplos de um pensamento dinâmico que busca superar a si mesmo. O que dizer das ideias de virada linguística, de linguagem como condição de possibilidade do conhecimento do mundo e da separação entre análise e síntese? Este artigo defende que uma Filosofia Pós-Analítica, tomando o exemplo de Putnam, deve superar esses paradigmas. Sobre a Filosofia Pós-Analítica de Putnam, Hickey afirma:

Hilary Putnam: breves apontamentos sobre a sua jornada intelectual até a filosofia pós-analítica
BRANCO, Daniel

Juntamente com Rorty e outros filósofos chamados pós-analíticos, Putnam não pensa que nós deveríamos nos engajar no jogo filosófico tradicional de tentar oferecer soluções para os problemas filosóficos canônicos. Putnam chega a essa percepção somente no fim da sua longa jornada (HICKEY, 2009, pp. 4-5).

Como empreender isso? Ainda não há uma tese ou um método pronto. Putnam tentou abrir esse caminho, estudando, defendendo teses, criticando limitações de sistemas de pensamento, inclusive do seu, mudando de opinião e assumindo novos postulados.

CONCLUSÃO

Putnam é um autor complexo. Instável, conceda-se. Entretanto, são dignas de nota a sua busca incessante por conhecimento, a sua coragem de mudar de opinião, de reconhecer que estava errado, e o enfrentamento que empreendeu a uma das filosofias contemporâneas mais famosas, especialmente no mundo anglófono, a Filosofia Analítica. Ele não deixou um novo método pronto, a fim de que substituir o método antigo, mas mostrou que a estrutura própria da filosofia contemporânea deve passar por reformas significativas ou que a Filosofia Analítica deve avançar para além de si mesma. Apesar de não deixar um sistema filosófico definido, fechado, os seus postulados e a sua crítica são uma valorosa contribuição para a construção de uma filosofia que supere aquela vigente entre os filósofos ingleses e americanos.

REFERÊNCIAS

AUXIER, Randall; ANDERSON, Douglas; HAHN, Lewis. **The Philosophy of Hilary Putnam**. Southern Illinois University Carbondale, USA, 2015.

BEN-MENAHEM, Yemima. **Hilary Putnam**. Contemporary Philosophy in Focus. Cambridge University Press, UK, 2005.

BRANCO, Daniel. **Saul Kripke**: a Crítica à Teoria Descritivista dos Nomes Próprios. Artigo a ser publicado em dezembro de 2020 pela revista Dialectus.

BRENDOM, Robert. **Rorty and his Critics**. Blackwell, USA, 2000.

CHOMSKY, Noam. **Language and Mind**. Cambridge University Press, UK, 2006.

CLARK, Peter; HALE, Bob. **Reading Putnam**. Realism. Blackwell, USA, 1994.

FERRARIS, Maurizio. **Manifesto of New Realism**. Translated into english by Sarah De Sanctis. Suny Press, New York, 2014.

DOI: 10.25244/uf.v14i1.2757

Hilary Putnam: breves apontamentos sobre a sua jornada intelectual até a filosofia pós-analítica
BRANCO, Daniel

GABRIEL, Markus. **I am not a brain**. Polity Press, Cambridge, 2017.

HARMAN, Graham. **The Quadruple Object**. Zero Objects, USA, 2011.

HARMAN, Graham. **On Vicarious Causation**. Harman-willust, Internet, 2007.

HICKEY, Lance. **Hilary Putnam**. Continuum, New York, 2009.

JÚNIOR, Leo. As muitas Faces do Realismo Interno de Hilary Putnam: Um Tributo.
Trans/Form/Ação vol.40 no.1 Jan./Mar. Marília, 2017.

METZINGER, Thomas. **The Science of the Mind and the Myth of the Self: The Ego Tunnel**. Basic Books, New York, 2009.

PETKOV, Vesselin. **Time and Reality of Worldtubes**. Vesselin. Science College -Concordia University, Canada, s/d.

PUTNAM, Hilary. **Mind, Language and Reality: Philosophical Papers- Vol. 2**. Cambridge University Press, Cambridge, 1979.

PUTNAM, Hilary. **Reason, Truth and History**. Cambridge University Press, Cambridge 1981.